

CADEIA PRODUTIVA DA MODA: PANORAMA E DESCRIÇÃO

Fashion productive chain: panorama and description

ANDRADE, Raquel Rabelo | Doutoranda em Design

Universidade Estadual Paulista | Tecnologia em Design de Moda da Universidade Tecnológica Federal do Paraná raquelandrade@utfpr.edu.br

BEZERRA, Fabricio Maesta | Doutorando em Engenharia Química

Universidade Estadual de Maringá | Eng. Têxtil da Universidade Tec. Fed. do Paraná fabriciomb@gmail.com

LANDIM, Paula da Cruz | Livre-Docente em Design

Universidade Estadual Paulista
paula@faac.unesp.br

Resumo

A cadeia produtiva da moda, considerada bastante relevante para a economia do país, vêm perdendo cada vez mais espaço para os artigos importados. Assim, este estudo objetiva, a partir de levantamento teórico, expor o cenário atual do setor, e, em seguida, apresentar a descrição de seu funcionamento, de modo objetivo e didático. Este relato, que compreende o processo desde a obtenção da fibra têxtil até a oferta dos produtos, visa a contribuir com o embasamento necessário para futuras ações.

Palavras-chave: design de moda, cadeia produtiva, panorama do setor, vestuário.

Abstract

The fashion productive chain, considered very relevant to the national economy, keeps losing more and more space for imported articles. Thus, this study aims, from theoretical research, expose the current scenario of the sector, and then, present the description of its operation, in an objective and didactic way. This report, which includes the whole process since the obtaining of the textile fiber until the offering of the products, aims to contribute with the necessary basis for future actions.

Keywords: fashion design, productive chain, sector overview, clothing.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Rech (2012), o produto de moda pode ser compreendido como qualquer artigo que seja fruto de um processo de design, produzido com fibras, fios e acabamentos desenvolvidos tecnologicamente, projetado para um mercado consumidor específico e composto a partir de atributos como qualidade, ergonomia, aparência e preço compatível com o público-alvo.

A fabricação desta categoria de artigos envolve uma longa e complexa cadeia, na qual estão envolvidos um grande volume de matéria-prima e um alto índice de mão-de-obra, que resultam em números e estatísticas consideráveis para a economia brasileira.

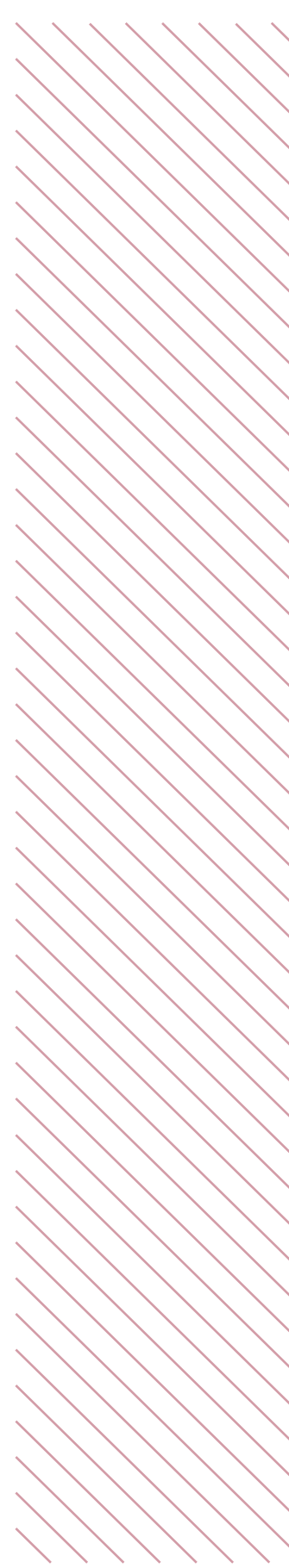
Em decorrência de uma conjunção de fatores, no Brasil, os produtos do vestuário vêm sendo preteridos em relação aos artigos importados, o que pode desencadear problemas econômicos e sociais, caso a situação não seja monitorada e acabe por se agravar.

Com base em dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), um informe da Sindivestuário (Sindicato da Moda) aponta que o setor de confecção, que já chegou a representar 27,2% do PIB, vêm sofrendo retração em sua produção durante os três últimos anos e, atualmente, não ultrapassa 13,1%. Ronald Masijah, Presidente do Sindivestuário, afirma que a recessão dos últimos anos vividos pela indústria de roupas mostra que do ponto de vista do nível de atividade o pior ainda está por vir (SINDIVESTUÁRIO, 2015).

Uma das alternativas que vêm sendo adotadas pelos empreendedores nacionais é o *outsourcing*, extremamente prejudicial para o país, pois se resume em:

[...] transferir a cadeia de fornecimento para fora do país, uma vez que sai mais barato trazer de fora uma série de componentes e insumos produtivos quando não o produto final do que produzir aqui dentro, sob essas condições. O resultado é a eliminação de diversas etapas da matriz industrial em prol da importação, com efeitos deletérios sobre o emprego e a produção (RONCAGLIA *apud* BORIELLO; MARTORELLI; DIVITIIS, 2012).

Para a reversão e melhoria desse cenário, algumas alternativas dependem, estritamente, dos empresários do ramo: o aprimoramento da



mão de obra e a inserção da inovação. Logo, para que sejam efetuadas ações que visem a sanar essas dificuldades, é bastante relevante que o processo de produção de artigos de vestuário, que abrange desde as atividades de obtenção da fibra têxtil até a finalização e disponibilização destes produtos para o mercado consumidor, seja estudado e analisado com certa regularidade.

Assim, é escopo deste trabalho apresentar, a partir de levantamento teórico, um panorama atualizado do setor em questão e, em seguida, relatar, de modo completo, porém objetivo e didático, o processo de transformação pertinente à cadeia produtiva de confecção.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Panorama do setor de produção do vestuário

De acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria têxtil e de Confecção (ABIT), referentes ao ano de 2014, o Brasil é o quinto maior produtor têxtil do mundo e possui o quarto maior parque produtivo de confecção, cujo faturamento é superior a R\$ 100 bilhões/ano, com uma produção média de 6 bilhões de peças (considerando artigos do vestuário e linha lar).

Apesar das baixas apresentadas pelo segmento nos últimos anos, em relação ao PIB e ao saldo de empregos, este ainda é o 2º maior setor empregador da indústria de transformação, pois, em 2014, empregou, de forma direta, 1,6 milhão de indivíduos.

A indústria da moda é, também, a segunda maior geradora do primeiro emprego no país e conta, atualmente, com mais de trinta mil empresas formais. Além disso, há mais de cem cursos de graduação em moda no país, sem contar os cursos livres, técnicos e de pós-graduação (PIRES, 2007).

As informações elencadas acima corroboram a relevância econômica e social do setor em todo o território nacional, entretanto, o crescimento da participação dos produtos importados no mercado brasileiro é alarmante. Mesmo com a significativa produção do parque industrial do país, dados da ABIT (2014) apontam que o Brasil participa com menos de 0,4% do mercado de produção têxtil e de confecção mundial.

Segundo informes da Agenda de Prioridades Têxtil e Confecção - 2015/18 da ABIT (2014, p. 8), o setor têxtil é mais de 50% asiático, com destaque para a China. [...] O mundo, porém, tem sido cúmplice na manutenção de um sistema socialmente injusto, ambientalmente predatório e economicamente destruidor de outras economias.”

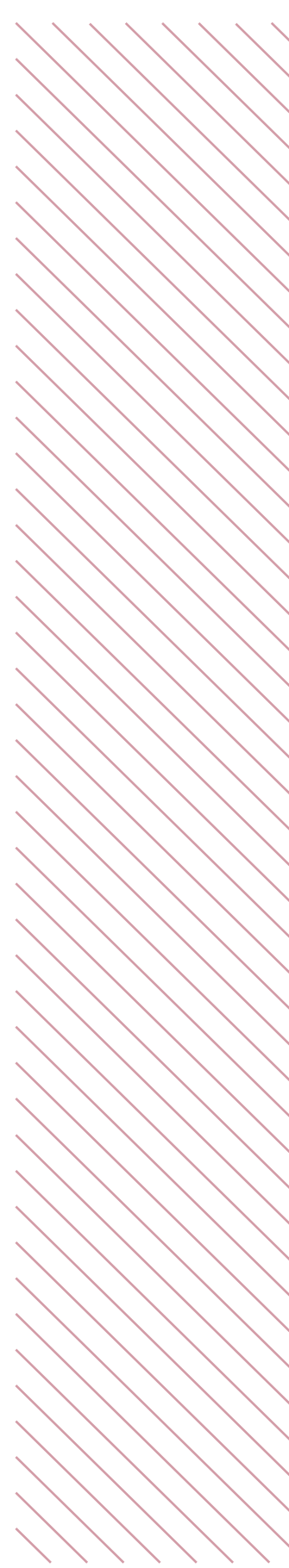
O mesmo documento assinala que a importação de produtos do vestuário aumentou 24 vezes na última década e que, atualmente, cerca de 15% do mercado total de vestuário é abastecido por marcas importadas sendo que, dez anos atrás, esse índice era de apenas 2% (ABIT, 2014, p. 9).

Ainda de acordo com a referida associação, a problemática que envolve a competitividade da indústria têxtil e de confecção nacional decorre de inúmeras questões macroeconômicas e estruturais, entretanto, medidas como preparar a mão de obra para receber a devida qualificação e tratar da inovação como algo prioritário para o setor privado” são estratégias que necessitam ser utilizadas, especialmente, pelas pequenas e micro empresas (ABIT, 2014).

Roberto Chadad (*apud* ABRAVEST, 2015), presidente da Associação Brasileira do Vestuário, afirma que o cenário econômico para o setor de produção têxtil e de vestuário nacional é, realmente, bastante preocupante, devido a fatores como:

- alta carga tributária;
- falta de profissionais e de mão-de-obra qualificada;
- alto custo de matéria-prima em relação à oferecida no mercado internacional;
- falta de política setorial que atenda as pequenas empresas, que representam 97% do total da indústria têxtil e de vestuário brasileiras; entre outros.

Entretanto, conforme Chadad (*apud* ABRAVEST, 2015), o panorama para as empresas que comercializam têxteis e vestuário, no varejo, segue promissor, justamente por estas contarem com produtos importados em abundância, que apresentam: custo reduzido (cerca de 30 a 40% mais baixos), tempo curto de entrega (podem chegar dentro de 72 horas) e prazos de pagamento satisfatórios.



Desse modo, fica claro que a indústria do vestuário nacional se encontra, atualmente, em desvantagem em relação aos confeccionados têxteis importados. Entretanto, deve-se vislumbrar, no aprimoramento do setor, perspectivas de melhorias que possam reverter este cenário, o que justifica a realização de estudos visando à recuperação, ao aperfeiçoamento e ao crescimento do segmento em questão.

2. 2 Apresentação da cadeia produtiva da moda

A cadeia responsável pela concepção e fabricação dos produtos de moda pode ser definida como a que é constituída de diversas etapas produtivas inter-relacionadas, cada uma com suas especificidades e que contribuem para o desenvolvimento da fase seguinte” (RECH, 2006, p.19).

Rech (2006) completa que esse sistema produtivo compreende cinco elos, que são: a fiação, a tecelagem e o beneficiamento têxtil, seguidos da confecção de artigos de moda e do mercado consumidor. Não obstante, a autora divide esta cadeia em três macrossetores, que são:

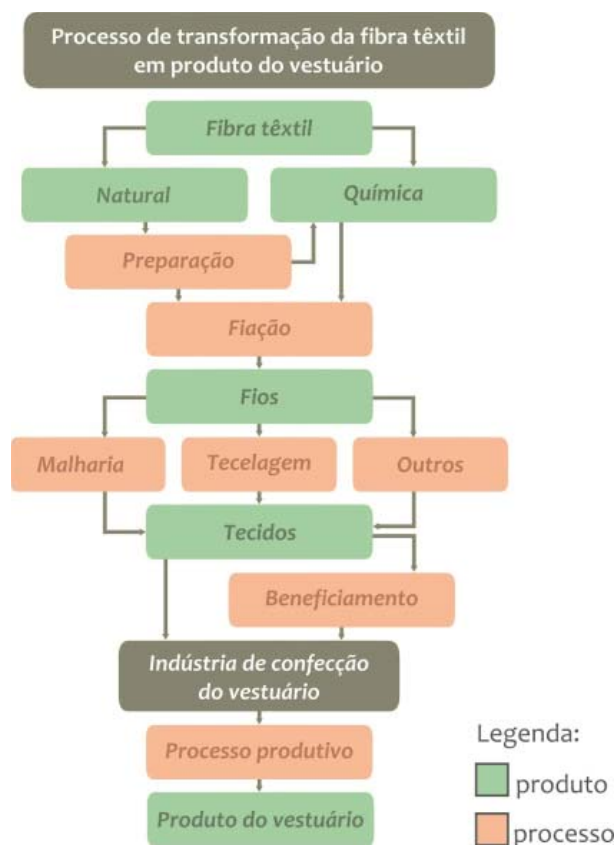
- a produção da matéria-prima que engloba as atividades responsáveis pela transformação de fibras em fios e, em seguida, em tecidos;
- a indústria de transformação – que compreende atividades de beneficiamento (preparação, tingimento e acabamento) e confecção de artigos têxteis;
- e o mercado consumidor que compreende as ações empenhadas pelos canais de distribuição e comercialização do produto final.

Como este estudo visa a apresentar a descrição do processo produtivo de artigos de vestuário, considera, como cadeia produtiva de moda, todas as atividades relacionadas a esse setor, responsáveis por transformar fibras em produtos de vestuário. Conforme os objetivos deste trabalho, este processo culmina no momento em que o produto final está faturado e pronto para ser enviado/entregue ao cliente.

Desse modo, a partir de estudos realizados por Rech (2006), Rosa (2011) e Udale (2009), estabeleceu-se um fluxograma resumido que demonstra todo o processo de desenvolvimento do produto de moda, desde a obtenção da fibra têxtil até o produto acabado, como pode ser

visto na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma do processo resumido de transformação de fibra têxtil em produto do vestuário.



Fonte: Própria (2015)

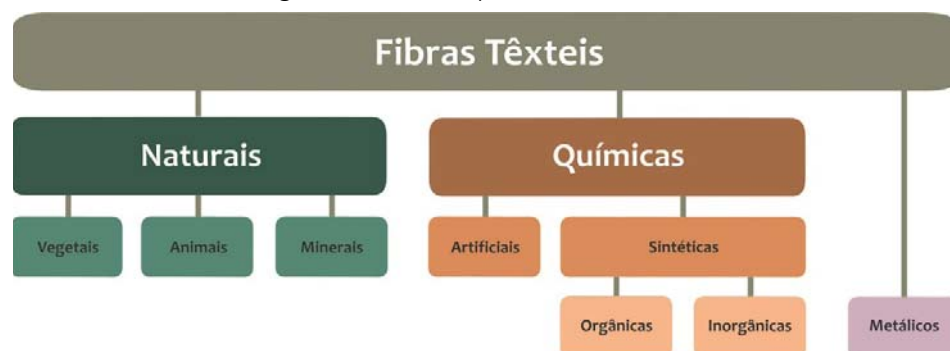
No fluxograma, estão contemplados os produtos e as atividades de transformação/confecção que compõem o processo, como se pode ver na legenda da Figura 1. Tal fluxo inicia-se pela triagem das fibras têxteis, que são compreendidas como a matéria-base para a construção dos tecidos e podem ser provenientes das mais diversas fontes, de modo geral, classificadas como de origem natural ou química.

As propriedades de cada fibra são decisivas para o resultado, desempenho e particularidades dos tecidos fabricados a partir da mesma. A grande diversidade de fibras disponíveis decorre da ampla possibilidade de fontes e métodos a partir das quais podem ser obtidas.

De acordo com Daher (2002, p. 7), existem várias formas de classificação das fibras têxteis devido às diversas origens e processos de

obtenção. A autora, porém, defende um modo de classificação próximo ao proposto por Kuasne (2008), devido à sua ampla aceitação na área, como é apresentado na Figura 2.

Figura 2 - Classificação das fibras têxteis.



Fonte: Adaptado de Kuasne (2008)

Entretanto, é relevante apontar que a descrição das fibras, de sua classificação e dos exemplares encontrados, informações que serão apresentadas a seguir, foi compilada a partir de um conjunto de conceitos expostos por Kuasne (2008), Daher (2002), Pezzolo (2007), Liger (2012) e Lavado (2013).

Como se pode verificar na Figura 2, as fibras naturais têm origem vegetal, animal ou mineral. Dentre as vegetais, auferidas a partir de frutos, folhas, sementes e caules, encontram-se, mais popularmente, o algodão, o sisal, a rafia, o linho, a juta e o rami. As fibras de procedência animal podem ser adquiridas por meio do folículo piloso ou de glândulas, como é o caso da fibra de lã e do filamento de seda, respectivamente (LAVADO, 2013).

Por fim, na classe dos minerais, encontra-se o amianto, fibra reconhecida por sua capacidade de suportar altas temperaturas, porém pouco utilizada devido às suas propriedades cancerígenas (DAHER, 2002).

Já as fibras químicas são produzidas pelo homem por meio de processos químicos e classificam-se como sintéticas e artificiais. Estas últimas são obtidas por meio de tratamento químico de matérias naturais (PEZZOLO, 2007, p. 119), e de acordo com Kuasne (2008, p. 20), são fibras cuja estrutura química final é a mesma ou muito próxima da matéria-prima que lhe deu origem.”

Esta classe de fibras pode ser de natureza celulósica (proveniente de

ramas de algodão ou de polpa da madeira), tal qual a viscose, o acetato, o modal, o tencel, entre outros; ou protéica (proveniente de proteínas naturais), como, por exemplo, o lanital (LIGER, 2012).

As fibras sintéticas, por sua vez, dividem-se entre orgânicas e inorgânicas. De acordo com Kuasne (2008, p. 20), na primeira categoria incluem-se “as fibras obtidas por síntese a partir de matérias-primas orgânicas. É hoje o grupo com maior relevo quanto à produção e consumo mundiais.”

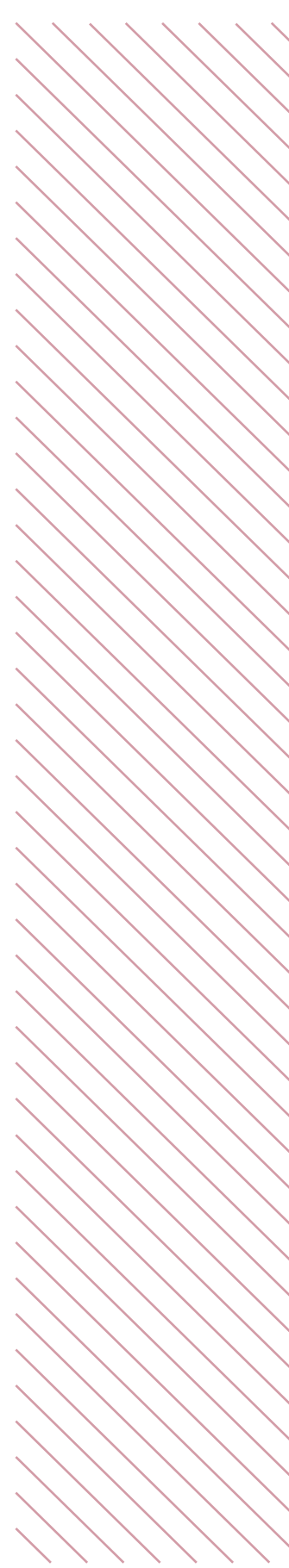
As principais fontes destas fibras são o petróleo e o carvão mineral. A poliamida (nylon), o poliéster, o acrílico, o elastano e a microfibras são os exemplares mais notórios empregados na indústria de confecção (PEZZOLO, 2007).

As fibras sintéticas inorgânicas, por sua vez, resumem-se, basicamente, às fibras de vidro, que possuem, como principais propriedades, a não inflamabilidade, a não absorvência e a resistência (DAHER, 2002). Entretanto, verifica-se que os tecidos resultantes desse material são pouco flexíveis e de difícil tingimento (PEZZOLO, 2007, p. 134).

Por fim, há as fibras provenientes de metais, que são enquadradas por alguns autores como naturais (o que ocorre mais comumente com o amianto) e, por outros, como sintéticas inorgânicas ou como artificiais. Kuasne (2008) coloca tais fibras em uma categoria à parte, e menciona o lurrex como seu principal exemplo. Já Pezzolo (2007) assinala que os materiais metálicos, como ouro, prata e cobre, são, usualmente, aplicados em produtos especiais, associados ou não a outros tipos de fibras.

No processo de transformação da fibra têxtil em produto do vestuário, verifica-se que as fibras, muitas vezes, passam por técnicas de preparação antes de serem transformadas em fios. Neste momento, a finalidade de tal tipo de procedimento é fazer a limpeza e o ajuste das fibras para que a fiação possa ocorrer da melhor forma e produzir fios uniformes (ARAUJO; CASTRO, 1984).

É possível ainda encontrar alguns tipos de processos cujo objetivo é incrementar as fibras ou fios, ou seja, aprimorar determinadas propriedades dos mesmos, como sua resistência, elasticidade, comprimento, entre outros; ou ainda, dotá-los de características que serão essenciais ao tecido que será produzido.



No caso das fibras naturais, a etapa subsequente, no processo de transformação das fibras em produtos de moda, é a da fiação, responsável pela fabricação de fios a partir das fibras.

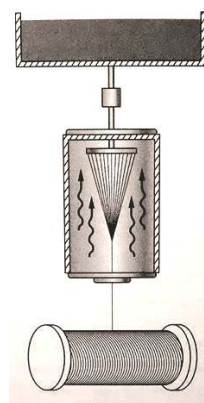
No decurso de conversão das fibras em artigos de vestuário, conforme consta no Fluxograma, Figura 2, o *output* da fiação são os fios, uma vez que a maior parte das fibras é convertida em fios antes de seguir para o processo de produção dos tecidos, com exceção apenas dos não-tecidos (UDALE, 2009).

De acordo com Pezzolo (2007, p. 139), os fios podem ser definidos como produtos obtidos pela fiação de fibras naturais e pela extrusão de fibras químicas (artificiais ou sintéticas). No caso das fibras naturais, os fios são obtidos por meio de processos físicos de fiação, que podem ser do tipo fiação anel ou por rotor, também denominado *Open-end* (OE).

Pezzolo (2007) explica que, na fiação anel ou convencional (CO), obtém-se como produto final fios mais macios e resistentes, porém, este é um método mais oneroso quando comparado ao da fiação por rotor. Já este último processo apresenta fios mais regulares e com maior capacidade de alongamento, o que é ideal para determinados segmentos, como a produção da malharia, entretanto, estes costumam ser menos resistentes em relação aos fios derivados do primeiro tipo de fiação mencionado.

Já no caso das fibras artificiais e sintéticas, a matéria-base passa por um processo de extrusão através de uma fieira (Figura 3), que é uma espécie de coador feito de chapa de metal com orifícios, pelos quais se passa qualquer tipo de material maleável que se estira formando fios (LIGER, 2012, p. 137).

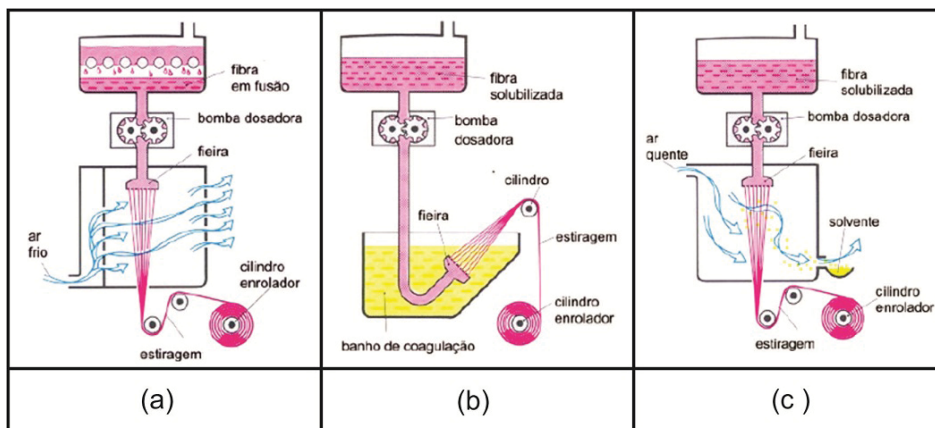
Figura 3 - Representação do processo de extrusão.



Fonte: Liger (2012, p.138)

Segundo Lavado (2013), atualmente, os métodos de extrusão mais empregados são três: fiação por fusão, Figura 4 (a); por coagulação, Figura 4 (b); e por solvente, Figura 4 (c). Os procedimentos são selecionados e adotados de acordo com o fio que será produzido.

Figura 4 - Processo de fiação: (a) por fusão, (b) por coagulação e (c) por solvente.

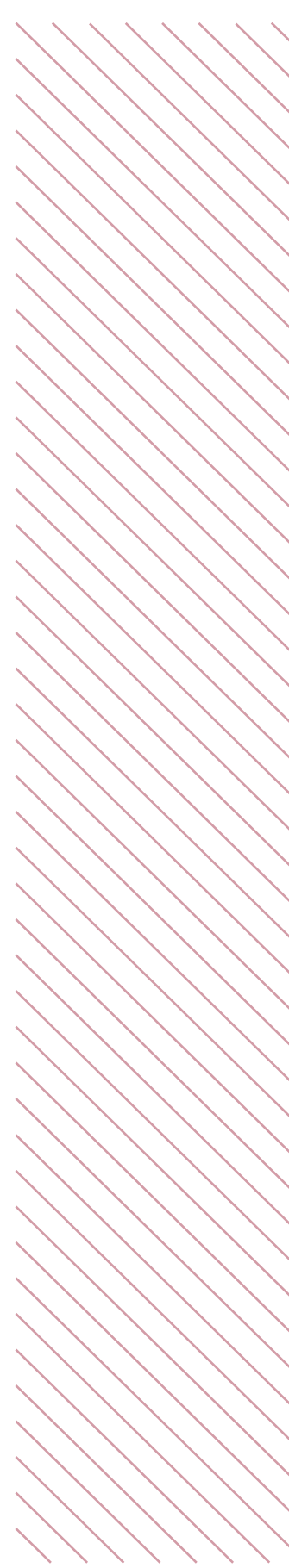


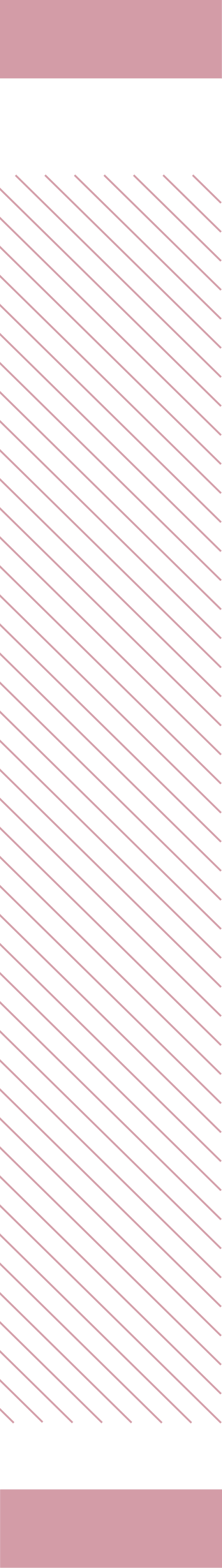
Fonte: Lavado (2013, p.63, 64)

Já os tecidos podem ser fabricados por meio de diferentes processos e a partir de fontes distintas, sendo por isso definidos por Kadolph (2007, p. 105, tradução nossa) como “uma estrutura plana constituída por fios derivados de fibras, soluções, telas têxteis, ou qualquer combinação dos mesmos.”

De acordo com Udale (2009), entre esses processos, estão a tecelagem plana, a malharia e outros tipos de procedimentos. A primeira categoria mencionada, a tecelagem plana, é responsável pela fabricação de telas, sarjas cetim e do tricoline. Estas contexturas são caracterizadas pelo entrelaçamento de fios organizados paralelamente, de modo a formar um ângulo de 90 graus entre os dois conjuntos de fios: os da trama (dispostos no sentido da largura do tecido) e os do urdume (fios ordenados no sentido do comprimento do tecido).

A malharia é produzida por um método pelo qual os tecidos (malhas) são formados a partir de *loops* (laçadas ou alças), que podem se conectar a partir de um único fio no sentido da trama (transversal), ou então, de vários fios no sentido do urdume (longitudinal). Este último método produz malhas indesmalháveis, uma vez que o tecido não desfia no caso da soltura de um ponto, assim como ocorre com as malhas mencionadas inicialmente.





De forma geral, uma das principais características das malhas, em comparação aos tecidos planos, é a elasticidade. São exemplos de malhas: o tricô, o jersey, o suplex e algumas rendas.

Por fim, na categoria intitulada como outros, incluem-se os tecidos cujo modo de produção se diferencia dos processos empregados na tecelagem plana e na malharia. Segundo Udale (2009, p. 84), as demais formas de fabricação podem ser utilizadas para produzir vários tecidos, desde os decorativos e artesanais até criações funcionais e tecnologicamente avançadas.

Ainda de acordo com a autora, este grupo engloba: o crochê, o macramê, algumas rendas (como a de agulha ou de bilro), os tecidos em *spray*, tecidos químicos feitos à máquina e as fabricações não tramadas, ou seja, os não-tecidos. Estes últimos são produzidos a partir de camadas de fibras que se prendem umas às outras por meios físicos e/ou químicos, constituindo uma folha contínua (LIGER, 2012, p. 148).

Após sua produção, os tecidos podem ainda ser submetidos a um ou mais procedimentos de beneficiamento têxtil. Pezzolo (2007) afirma que este processo compreende sucessivas etapas, classificadas como tratamentos de fase inicial, secundária e final.

Os tratamentos considerados de etapa inicial são processos que visam a purificar ou preparar os materiais têxteis para futuros tratamentos. Entre estes, Pezzolo (2007) menciona:

- desengomagem, que elimina os elementos que engomam os fios, produtos colocados durante a tecelagem, visando a um melhor desempenho dos procedimentos posteriores;
- alvejamento, que busca branquear e eliminar impurezas mais resistentes, chamadas de impurezas intrínsecas;
- chamuscagem, que remove possíveis fibras ressaltadas ou texturas indesejadas, na face do tecido, por meio de queima.

Já os beneficiamentos secundários e terciários englobam um conjunto de procedimentos que podem ser de ordem prático-funcional ou estética. Neste último grupo, também denominado como tratamento de superfície, incluem-se os processos de estamparia, tingimento, bordados e demais formas de manipulação do tecido, como *patchwork*, *matelassê* (processos de texturização em geral) e aplicação de ornamentações

diversas (UDALE, 2009).

Os acabamentos prático-funcionais visam a incrementar as propriedades do material têxtil ou lhe atribuir características específicas consideradas úteis e necessárias, tais como: acabamentos ignífugantes¹ em tecidos empregados em uniformes de bombeiros ou acabamento antimicrobiano nos têxteis direcionados ao vestuário hospitalar.

De modo geral, com base nos processos exigidos para cada categoria de tecido, estabelece-se que a etapa secundária compreende procedimentos que

envolvem a tintura e a estamparia dos têxteis, e a etapa final, os acabamentos finais aos quais os tecidos podem ser submetidos.

Este último ciclo abrange técnicas que visam a: alterar os tecidos visualmente (com exceção dos procedimentos mencionados na etapa secundária); agregar-lhes novos atributos; e adequá-los aos padrões de qualidade. Estes processos podem ser aplicados tanto em tecidos como em produtos de moda já confeccionados.

Como exemplos dessa última etapa podem ser citados diversos tratamentos, como: antirrua, que impede o amarrotamento do tecido; carregamento, que visa a conferir mais peso ao material; e matificação, responsável pela eliminação do brilho em determinadas matérias-primas (PEZZOLO, 2007).

É importante ressaltar que nem todas as fibras, fios, tecidos ou produtos têxteis confeccionados, necessariamente, passam por algum tipo de beneficiamento, embora seja bastante provável que este ocorra em algum momento do processo de produção.

Contudo, para chegar ao consumidor em forma de artigos de vestuário, o tecido, já construído e acabado, deve ser utilizado para a fabricação deste tipo de produto, o que irá ocorrer na indústria de confecção. Dentre as etapas que compõem o processo produtivo desta classe de artigos, estão: a criação, a modelagem, a prototipagem, o corte, a costura, o acabamento e a expedição (Figura 5), etapa esta que conclui o processo de transformação da fibra têxtil em produtos de vestuário.

1 Referente ao que não entra em combustão.

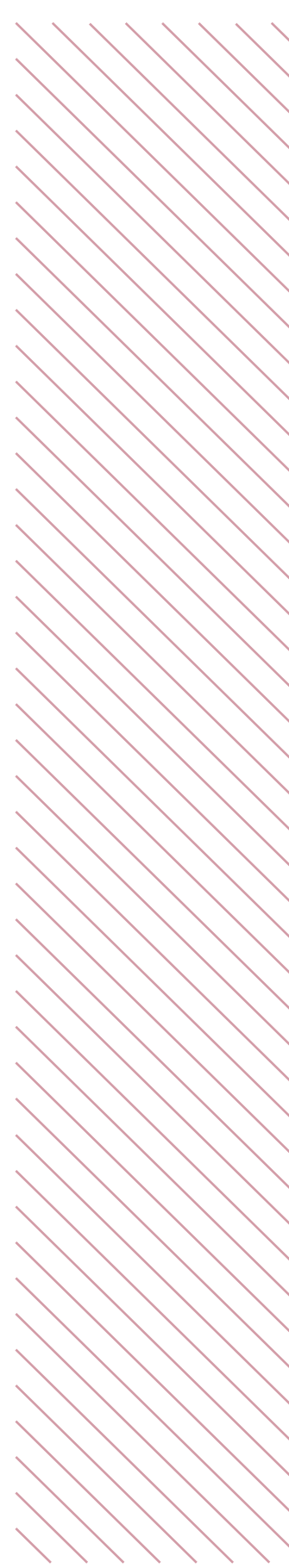
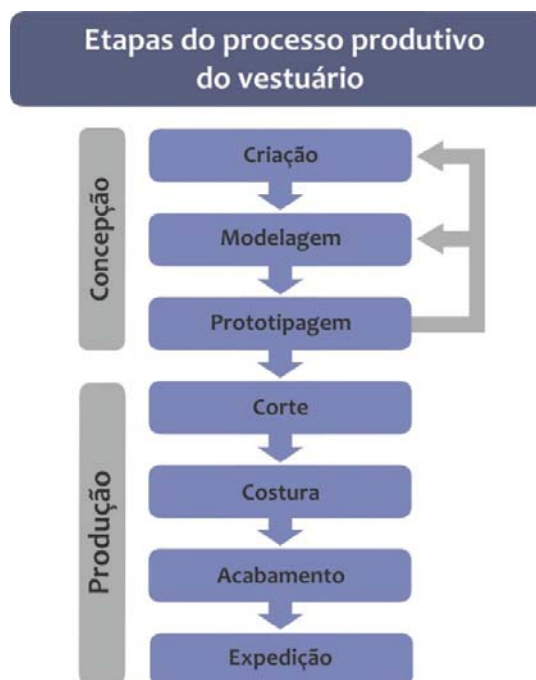


Figura 5 - Etapas do processo produtivo do vestuário.



Fonte: Própria (2015)

Cada uma dessas etapas compreende um setor de uma confecção, que possui diversas responsabilidades. Esta sequência produtiva, de maneira geral, tradicionalmente, se dá do mesmo modo, sem a ocorrência de grandes inovações. Entretanto, na maioria dos casos (empresas) este ciclo não se encontra tão organizado ou departamentalizado quanto deveria, uma vez que as empresas têm dificuldade para seguir um fluxo produtivo adequado.

De qualquer forma, de modo simplificado, as responsabilidades de cada etapa são (Quadro 1):

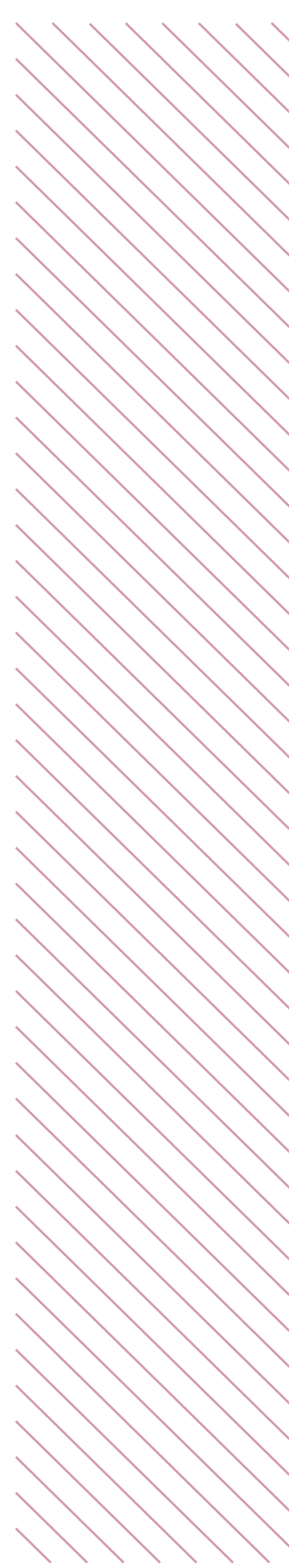
Quadro 1- Fase, etapa e responsabilidades de cada setor no processo de desenvolvimento dos produtos do vestuário.

FASE	ETAPA/ SETOR	RESPONSABILIDADE
------	-----------------	------------------

Concepção	Criação	<ul style="list-style-type: none"> Realização de pesquisas: de tendências, de mercado, a tecnológica, sobre o público-alvo e suas necessidades, de tema de coleção, entre outras; Programação do planejamento da coleção; Efetuação de <i>briefing</i> ou painel de imagens; Definição da cartela de cores, tecidos, aviamentos e demais materiais, como também do <i>shape</i> dos produtos; Concepção do produto; Execução da ficha técnica; Análise da viabilidade técnica, financeira e produtiva da produção
	Modelagem	<ul style="list-style-type: none"> Execução das bases de modelagens e da gradação destas.
	Prototipagem	<ul style="list-style-type: none"> Confecção e avaliação do protótipo; Efetuação da sequencia operacional da ficha técnica.
Produção em série	Corte	<ul style="list-style-type: none"> Realização da matriz (risco) e do enfiesto; Execução do corte; Separação das peças em lotes identificados.
	Costura	<ul style="list-style-type: none"> Preparação para a confecção; Montagem das peças.
	Acabamento	<ul style="list-style-type: none"> Efetuação de limpeza das peças; Aplicação de acessórios; Inspeção de qualidade e realização de possíveis consertos; Revisão do produto final; Execução de passadoria e embalagem.
	Expedição	<ul style="list-style-type: none"> Fechamento de pedidos, acompanhamento de prazos e controle de estoque de produtos; Realização de faturamento e envio/entrega dos produtos.

Fonte: Própria (2015)

Como pode ser verificado tanto na representação apresentada na Figura 5 como neste último quadro (Quadro 1), adotou-se, neste estudo, o conceito que agrupa as etapas do processo de desenvolvimento do produto de vestuário em duas grandes fases: a de concepção e a de produção, preconizado por Rosa (2011). Assim, de acordo com o autor, a



primeira fase engloba as etapas de criação, modelagem e prototipagem, que se referem ao momento em que se trabalha com o desenvolvimento de um produto que ainda não foi aprovado.

Já a fase de produção em série compreende as etapas subsequentes, que se iniciam após a aprovação do protótipo, quando se começa a trabalhar com a confecção de artigos do vestuário em larga escala (ROSA, 2011).

Por outro lado, se a opção da empresa ou confecção de vestuário é importar da China de modo legal, a tarefa inclui: selecionar fornecedores confiáveis; examinar as regras de importação ou contratar empresas especialistas nas questões desta natureza; solicitar junto à Receita Federal um documento que permite à empresa realizar operações comerciais no exterior com seu CNPJ; solicitar os serviços de um despachante aduaneiro para auxiliar com a documentação, entre demais medidas.

De acordo com Gomes (2015), o custo dos produtos importados abrange o valor da mercadoria + custo do frete + o imposto referente à importação (60% do valor da mercadoria + frete) + o imposto sobre circulação de mercadorias e serviços (ICMS). É possível efetuar estimativas do valor total da compra importada a partir de aplicativos como o do Sebrae/SP, intitulado Simulador de Importação, ou ferramentas disponibilizadas por sites especializados.

No segmento têxtil, a China se destaca pela produção de tecidos em fios sintéticos e artificiais, além do uso de fibras naturais como o algodão para a fabricação de tecidos em malha” (COSTA; CONTE; CONTE, 2013, p. 9). De acordo com os autores, a competitividade dos têxteis deste país decorre não apenas do estímulo do governo, como também do baixo custo de produção, o qual é baseado em mão de obra abundante e barata; energia ofertada a um valor módico e a oferta de insumos locais.

Já dentre os artigos do vestuário, a China se sobressai por sua diversificada variedade de produtos e sua rápida reação às tendências de moda, satisfazendo a demanda dos varejistas (COSTA; CONTE; CONTE, 2013).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contração das atividades da indústria de confecção percebida nos

últimos anos pode se tornar ainda pior, segundo as previsões. Antônio Trombetta (*apud* SINDIVESTUÁRIO, 2015), presidente do Sindiroupas (Sindicato da Indústria do vestuário masculino do Estado de São Paulo), afirma que seu prognóstico, para o panorama atual, é de aumento tanto do desemprego como do fechamento de confecções em todo o país.

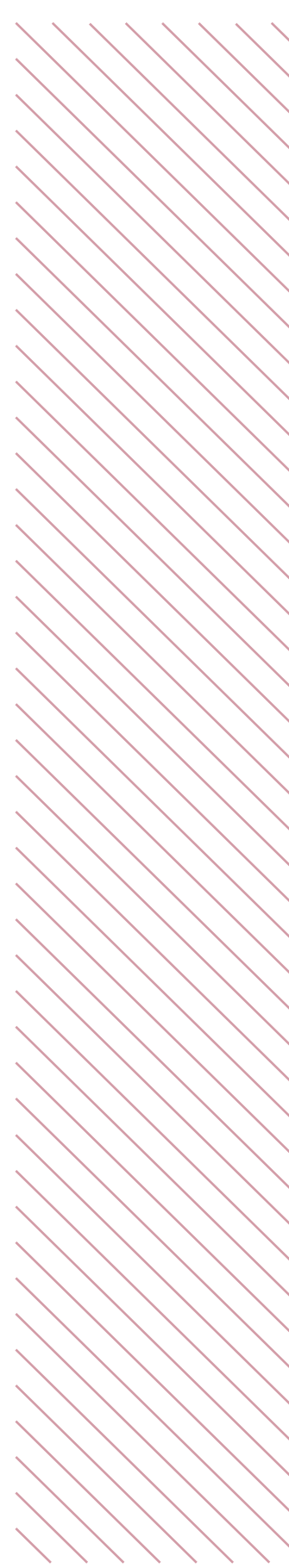
Sabe-se que, no Brasil, as confecções são representadas, em sua grande maioria, pelas pequenas empresas, que nem sempre investem em pesquisas, estudos e ações que poderiam agregar melhorias para o segmento e para o próprio negócio.

Essas empresas têm reivindicado ações governamentais mais efetivas para a recuperação e para o crescimento do setor, que incluem, prioritariamente, desonerações tributárias e trabalhistas e aprimoramento fiscal no ingresso de produtos importados. Embora essas reivindicações sejam bastante justificadas, é necessária, também, uma maior proatividade por parte dos empresários do segmento.

Segundo Boriello, Martorelli e Divitiis (2012), para maximizar os resultados, agregar qualidade e valor aos produtos e, assim, conseguir competir, é imprescindível que haja adequada gestão empresarial e investimentos em melhorias e pequenas inovações no parque fabril, que incluem: adoção de tecnologias disponíveis; qualificação da mão-de-obra; valorização das habilidades e da experiência dos funcionários; racionamento de gastos; e atenção especial ao processo de criação e gestão da marca.

Por outro lado, para driblar a concorrência externa, faz-se necessário destinar esforços visando à diferenciação do produto, principal fator que confere vantagem competitiva. Não obstante, é também uma opção válida investir no quesito que é considerado o maior ponto fraco dos artigos importados diretamente pelo consumidor: a lentidão no tempo de entrega, o que não ocorre com o vestuário produzido no país.

Para ofertar produtos na velocidade em que são requisitados pelo mercado consumidor, é necessário que haja organização empresarial, capaz de produzir não só com rapidez, mas, também, com qualidade. Anna Patrícia Teixeira Barbosa, coordenadora nacional da indústria da moda no Sebrae Nacional, ressalta que, para se ter êxito frente à concorrência externa, é conveniente apostar no uso de materiais e processos diferenciados, visando ao incremento do valor agregado dos produtos e ao atendimento de nichos específicos de mercado (BARBOSA *apud* BORIELLO; MARTORELLI; DIVITIIS, 2012).



Assim, entende-se que, para se afastar da crise que se alastra pelo segmento, é necessário, além da adoção das medidas pontuais, aqui mencionadas, um aprimoramento geral do setor, que só será possível caso haja um profundo entendimento do *modus operandi* do processo produtivo de artigos de moda e vestuário, além de uma constante atualização e análise dos dados do setor.

A partir disso, devem ser estudadas as potencialidades de inovação e, ainda, vislumbradas novas possibilidades e alternativas de futuro para a indústria de confecção. Assim, recomenda-se, para futuros estudos, o aprofundamento destas questões, tendo em vista a recuperação e o desenvolvimento das empresas responsáveis pela cadeia produtiva da moda.

REFERÊNCIAS

ABIT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO. **Perfil do setor**. Disponível em: <<http://www.abit.org.br>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

ABIT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO. **Agenda de prioridades têxtil e confecção: 2015 a 2018**. Disponível em: <http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/agenda_site.pdf>. Acesso em: 13 out. 2014.

ABRAVEST - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO. **Panorama geral do setor**. Disponível em: <<http://www.abravest.org.br/>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

ARAUJO, M.; CASTRO, E. M. M. **Manual de engenharia têxtil**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. v. 1.

BORIELLO, S.; MARTORELLI, R.; DIVITIIS, M. **Hora de reagir! confecções brasileiras buscam soluções para momento ímpar no setor**. Costura Perfeita, São Paulo, n. 67, 2012. Disponível em: <<http://www.costuraperfeita.com.br>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

COSTA, A. B.; CONTE, N. C.; CONTE, V. C. **A China na cadeia têxtil - vestuário: impactos após a abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos acordos multifibras (AMV) e têxtil vestuário (ATV)**. Revista Teoria e Evidência Econômica, Passo Fundo, v. 19, n. 40, p. 9-44, jan./jun. 2013.

DAHER, M. A. Z. **Materiais têxteis**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2002. 185 p. Apostila.

GOMES, G. **Como calcular as taxas de importação, tudo que você precisa saber**. Disponível em: <?> Acesso em: 19 ago. 2015.

KADOLPH, S. J. **Quality assurance for textiles & apparel**. 2. ed. New York: Bloomsbury Academic, 2007.

KUASNE, A. **Fibras têxteis: curso têxtil em malharia e confecção - 2º módulo**. Araranguá: CEFET/SC, 2008.

LAVADO, F. E. L. **La industria textil y su control de calidad**. Barcelona: Fidel Lockuán, 2013. v. 2.

LIGER, I. **Moda em 360 graus: design, matéria-prima e produção para o mercado global**. São Paulo: Senac, 2012.

PEZZOLO, D. B. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Senac, 2007.

PIRES, D. B. **Design de Moda: uma nova cultura**. Dobras, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 66-73, out. 2007.

RECH, S. R. **Conceito de Produto de Moda**. Actas de Diseño, Buenos Aires, v. 6, n. 13, p. 187-191, jul. 2012.

RECH, S.R. **Cadeia produtiva da moda: um modelo conceitual de análise**. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

ROSA, L. **Vestuário industrializado: uso da ergonomia nas fases de gerência de produto, criação, modelagem e prototipagem**. 2011. 175 f. Tese (Doutorado em Artes e Design) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SINDIVESTUÁRIO. **Pessimismo nas confecções: o pior ainda está por vir**. Disponível em: <<http://sindivestuario.org.br>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

UDALE, J. **Tecidos e moda**. Porto Alegre: Bookman, 2009. v. 2. (Coleção Fundamentos Design de Moda).

